

REPRESENTAÇÕES MONÁSTICAS NO APOCALIPSE APÓCRIFO DE PAULO¹

Janaine Silva Vasconcelos²

Milene Ribeiro Noenta de Lima³

Mateus Soares Parreiras de Freitas⁴

RESUMO: A relação entre o *Apocalipse de Paulo* e o contexto monástico do cristianismo primitivo evidencia como as narrativas contidas no manuscrito refletem ideais ascéticos direcionados a uma audiência composta, provavelmente, por monges ascetas e líderes religiosos envolvidos com o cristianismo no Egito e em outras regiões do Mediterrâneo. Valendo-se da tradução de Valtair Miranda (2022)⁵, este artigo examina como práticas ascéticas, como jejum, castidade e penitências, são representadas nas revelações, explorando também o contexto de sua produção. Além disso, discute-se o contexto de sua produção, marcado pela consolidação das práticas monásticas, pela defesa da ortodoxia frente a heresias e pela relação entre a Igreja e o Estado durante os séculos III e IV. Empregando uma análise interdisciplinar que inclui contribuições de historiadores e teólogos, o artigo apresenta o manuscrito como um reflexo de um cristianismo em transição, no qual valores ascéticos são integrados ao imaginário religioso de sua época.

Palavras-chave: *Apocalipse de Paulo; Monasticismo; Escatologia; Ascetismo.*

ABSTRACT: The relationship between the *Apocalypse of Paul* and the monastic context of early Christianity highlights how its revelations reflect ascetic values aimed at an audience likely composed of ascetic monks and religious leaders engaged with Christianity in Egypt and other Mediterranean regions.

¹ Este texto é parte da pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Bacharelado em Teologia da FABAT.

² Graduada em Teologia, Mestranda em Cognição e Linguagem. Professora da Faculdade Batista do Rio de Janeiro e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem da UENF.

³ Graduada em Teologia e pós-graduada em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão (FABAT). Tutora da Faculdade Batista do Rio de Janeiro.

⁴ Graduado em Psicologia (UNISUAM). Bacharel em Teologia (Betel Brasileiro). Pós graduando em Teologia Sistemática (Faculdade Batista do Rio de Janeiro). Mestrando em Ciências da Religião (UMESP).

⁵ MIRANDA, Valtair. **Apocalipse de Paulo**. São Paulo: Paulus, 2022.

Drawing on Valtair Miranda's translation (2022), this article examines the representations and ascetic practices, such as fasting, chastity, and penance, integrated into the narratives of the revelations. Furthermore, it discusses the context of its production, marked by the consolidation of monastic practices, the defense of orthodoxy against heresies, and the relationship between the Church and the State during the 3rd and 4th centuries. Utilizing an interdisciplinary analysis that includes contributions from historians and theologians, the article presents the work as a reflection of a Christianity in transition, in which ascetic values are integrated into the religious imagination of its time.

Keywords: *Apocalypse of Paul*; Monasticism; Eschatology; Asceticism.

INTRODUÇÃO

O Apocalipse de Paulo, também conhecido como *Visio Pauli*, é um apócrifo de gênero apocalíptico originado no período do cristianismo antigo, o qual oferece-nos uma visão detalhada do julgamento das almas, do paraíso e do inferno. O manuscrito segue as convenções literárias típicas dos apocalipses judaico-cristãos, caracterizando-se como uma literatura de revelação. O texto enfatiza o destino das almas após a morte, descrevendo as recompensas celestiais destinadas aos justos e as punições infernais aplicadas aos pecadores.

Esta pesquisa busca investigar as representações do ascetismo monástico presentes nas narrativas do Apocalipse de Paulo, demonstrando como o autor, inserido no ambiente monástico egípcio, reproduziu os ideais, as práticas e as inquietações dessa tradição. O foco está em destacar a relação entre as descrições escatológicas do texto e o modelo de vida espiritual defendido pelo autor, marcado pela pureza moral e pela condenação das práticas pecaminosas.

Em um período de expansão do movimento monástico, o Apocalipse de Paulo apresenta uma perspectiva particular sobre a vida cristã, propondo um ideal de santidade que se reflete tanto no destino das almas quanto nas consequências das escolhas morais. Essa visão aborda temas do cristianismo da Antiguidade, dialogando com os anseios de comunidades ascéticas e com o imaginário coletivo acerca do julgamento final.

O artigo adota uma abordagem historiográfica e de análise textual, fundamentando-se na tradução da *Visio Pauli* para o português, realizada por Valtair Miranda (2022). O desenvolvimento do estudo é estruturado em três partes principais: o contexto histórico e teológico do Apocalipse de Paulo, os elementos do ascetismo monástico presentes no manuscrito, e a relação entre as narrativas escatológicas e os ideais monásticos. Por fim, a conclusão sintetiza

as reflexões apresentadas, destacando a relevância histórica e teológica do texto para a compreensão do cristianismo antigo.

1. INTRODUÇÃO AO APOCALIPSE DE PAULO – *VISIO PAULI*

Atribuído pseudonimamente ao apóstolo Paulo, o Apocalipse de Paulo figura como um dos apócrifos cristãos de maior disseminação e referência na Idade Média. O texto amplia a narrativa de 2 Coríntios 12:2, onde Paulo menciona sua ascensão ao terceiro céu, e está estruturada em dois blocos principais que descrevem, de forma detalhada, o mundo celestial e o infernal. Ao apresentar informações inéditas sobre o paraíso e o inferno, a narrativa aprofunda o imaginário cristão acerca da pós-morte e do julgamento divino. Assim, destaca-se como uma fonte indispensável para a análise das representações escatológicas cristãs.

Conforme Miranda, especialista em estudos escatológicos e responsável pela tradução do texto ao português, o Apocalipse de Paulo distingue-se por um moralismo acessível a qualquer leitor.

Diferente do Apocalipse de João, com símbolos e imagens complexas e frequentemente difíceis de serem compreendidas para não iniciados, o Apocalipse de Paulo é um texto que apresenta um moralismo simples, para não dizer ingênuo, imediatamente acessível a qualquer leitor. Sua preocupação é objetiva: apresentar a vida após a morte como o resultado direto de opções morais durante a vida. Essa preocupação com o destino das almas após a morte não aparece no Apocalipse joanino, mas é o elemento central da narrativa da *Visio Pauli*.⁶

A história desse apócrifo começa na metade do século III, na língua grega. Evidências linguísticas e contextuais indicam sua circulação inicial entre comunidades cristãs egípcias por volta de 240 d.C. Pouco mais de cem anos depois, na Ásia Menor, ele recebeu o acréscimo de um prefácio narrando, de forma fictícia, sua descoberta em Tárzis, sugerindo que um copista anônimo tenha elaborado essa introdução à seção propriamente revelatória. Como aponta Miranda, enquanto o núcleo do Apocalipse apresenta uma descrição detalhada das visões que Paulo teria recebido durante sua elevação mencionada em 2 Coríntios 12, o prefácio adiciona uma narrativa ficcional sobre a suposta

⁶ MIRANDA, Valtair. **Apocalipse de Paulo**. São Paulo: Paulus, 2022. p. 5

descoberta do manuscrito com o objetivo de conferir maior legitimidade e autoridade ao texto, fortalecendo sua aceitação entre os leitores.⁷

Como a data da morte de Cinégio pode ser apontada com relativa precisão para o ano de 388, é possível indicar que esse prefácio surgiu no final do século IV ou no início do V. Alguns estudiosos chegam a precisar o ano 420 como o ano de sua produção.⁸

Miranda fundamenta essa conclusão na menção a Cinégio no prefácio do Apocalipse de Paulo. Cinégio, um cônsul romano conhecido por seu fervor cristão e atuação destacada no final do século IV, é citado como uma figura cuja memória era amplamente reconhecida na época. A referência à sua morte situa a composição do prefácio em um momento posterior a 388 d.C., levando estudiosos a posicioná-lo entre os séculos IV e V. É provável, segundo Miranda, que a escolha de mencionar Cinégio tenha sido deliberada, em reconhecimento à sua reputação como defensor da fé cristã, à sua participação na destruição de santuários pagãos na Síria e no Egito, e à sua relação próxima com monges e ascetas egípcios. Essa menção não apenas homenageia uma figura alinhada aos princípios do autor do prefácio, mas também reforça a legitimidade do texto ao vincular-se a uma de influência cristã no período.⁹

O Apocalipse de Paulo também reflete o contexto cultural e religioso do Egito do século III, destacando a influência do movimento monástico nascente, caracterizado por práticas ascéticas e uma forte ênfase na pureza moral, como será abordado nas seções seguintes. Esse movimento parece ter moldado a estrutura narrativa do Apocalipse de Paulo, que apoia os ideais de castidade e devoção dos ascetas. A preocupação com a moral cristã e a concepção da vida após a morte como consequência direta das escolhas estão evidenciadas nas descrições das punições no inferno, relacionadas à violação de doutrinas cristãs e princípios éticos. Conforme Miranda, “os grandes heróis do autor do Apocalipse de Paulo são os monges e castos, o que indicia suas aspirações religiosas”¹⁰. Assim, o texto não apenas projeta representações escatológicas, mas também representações dos ideais monásticos.

Dessa forma, o Apocalipse de Paulo se destaca como um manuscrito que revisita e adapta tradições religiosas à luz do contexto espiritual monástico do

⁷ MIRANDA, Valtair. **Apocalipse de Paulo**. p. 7.

⁸ MIRANDA, Valtair. **Apocalipse de Paulo**. p. 8.

⁹ MIRANDA, Valtair. **Apocalipse de Paulo**. p. 9.

¹⁰ MIRANDA, Valtair. **Apocalipse de Paulo**. p. 11.

Egito do século III, onde nasceu. Miranda também observa que, embora o autor faça uso do nome de Paulo e se inspire na breve menção de 2 Coríntios 12, o texto pouco reflete a teologia paulina, optando por construir sua narrativa em torno de questões escatológicas e morais. Ademais, vale também ressaltar que seu diálogo com o Apocalipse de João é limitado, refletindo a recepção restrita do texto joanino no período. Ainda assim, o Apocalipse de Paulo afirma-se como uma importante peça da literatura apócrifa, oferecendo representações escatológicas cristãs, enquanto contribui para a reconstrução do imaginário coletivo e da identidade da comunidade em volta do texto.

1.1 UM RESUMO INTERPRETATIVO DO TEXTO

Este resumo, baseado na tradução de Valtair Miranda, sintetiza os principais elementos narrativos do Apocalipse de Paulo. O texto é estruturado em 51 parágrafos e pode ser dividido em seções que descrevem a descoberta do manuscrito, diálogos entre seres sobrenaturais sobre o destino humano, e as visões de Paulo sobre o Paraíso e o Inferno.

A narrativa inicia-se com a descoberta fictícia do manuscrito no século IV, na casa de Paulo em Tarso, oculto sob uma caixa de mármore que continha as revelações e as sandálias do apóstolo. Segundo o relato, um homem honorável teria sido instruído por um anjo a desenterrar a caixa e entregá-la às autoridades. Após a caixa ser enviada ao imperador Teodósio, o manuscrito foi copiado e disseminado, marcando o início de sua circulação.

A revelação propriamente dita começa com Paulo sendo conduzido ao terceiro céu, onde a palavra de Deus lhe é dirigida: “Fala a este povo: até quando cometereis delitos e praticareis pecado sobre pecado?”¹¹. Esse chamado ao arrependimento estabelece o tom da narrativa, que enfatiza a necessidade de conversão e obediência às leis divinas.

Segue-se um diálogo entre Deus e os elementos da criação – sol, lua, terra, águas e mar –, que acusam a humanidade de crimes como idolatria, adultério e homicídio. Cada elemento relata transgressões como homicídios, idolatria e adultérios, ao que Deus responde: “Eu vejo e ouço todas essas coisas, mas espero pacientemente pelo arrependimento”¹². Deus declara sua paciência infinita, mas adverte: “Se não se converterem a mim, eu julgarei a todos”¹³. Essas

¹¹ MIRANDA, Valtair. **Apocalipse de Paulo**. p. 28.

¹² MIRANDA, Valtair. **Apocalipse de Paulo**. p. 29.

¹³ Idem.

acusações refletem uma cosmovisão em que toda a criação está subordinada à justiça divina e serve como testemunha das ações humanas.

Paulo também é levado a visões do inferno, onde presencia tormentos específicos para cada tipo de pecado. Paulo testemunha um rio de fogo, onde almas pecadoras são imersas em níveis variados, de acordo com a gravidade de seus pecados. Também presencia abismos sem fundo, nos quais os ímpios caem perpetuamente, atormentados por anjos impiedosos. Algumas almas são devoradas por vermes, enquanto outras têm seus corpos mutilados, em punições que simbolizam suas transgressões em vida, como difamação e ganância. Segundo o texto, esses tormentos não são apenas castigos, mas também advertências sobre as consequências do afastamento da graça divina.

No paraíso, Paulo é recebido em uma porta dourada, guardada por colunas onde estão inscritos os nomes dos justos. O paraíso é descrito como um lugar de beleza e serenidade inigualáveis, com rios de leite, mel, vinho e azeite. Cada rio simboliza virtudes específicas e está associado aos destinos das almas justas. Paulo encontra Elias, Enoque e outros profetas, que representam a vitória da fé e da pureza. A entrada no paraíso é reservada apenas àqueles que viveram de maneira reta e devota. Como afirma a tradução de Miranda: “Somente aqueles com bondade e pureza completa de corpo podem passar pela porta dourada”¹⁴.

Entre as almas que Paulo testemunha sendo conduzidas ao paraíso, destacam-se aquelas que preservaram a castidade e viveram em total devoção a Deus. O texto descreve a chegada dessas almas aos rios de pureza, onde são saudadas por crianças inocentes e anjos resplandecentes: “Aqueles que mantiveram a pureza de corpo e coração, renunciando às tentações do mundo, encontram aqui sua recompensa eterna”¹⁵. Essa cena assemelha-se com os ideais monásticos de ascetismo, mostrando a valorização de uma vida pautada pela disciplina moral e pela rejeição às corrupções terrenas. Essas almas, guiadas por anjos, são levadas a habitar nos locais mais sublimes do paraíso, junto aos profetas e santos.

Um dos momentos mais marcantes é a descrição do julgamento das almas. Paulo presencia cenas em que anjos misericordiosos e impiedosos disputam as almas no momento da morte. Os justos são conduzidos ao céu com cânticos e louvores, enquanto os pecadores enfrentam acusações diante do justo juiz. Uma alma que não confessa seus pecados é entregue ao anjo Tartaruchus, encarre-

¹⁴ MIRANDA, Valtair. **Apocalipse de Paulo**. p. 35.

¹⁵ MIRANDA, Valtair. **Apocalipse de Paulo**. p. 37.

gado de suas punições no inferno, reforçando a ideia de que o arrependimento é indispensável para escapar do tormento eterno.

Dentre os pecadores condenados ao inferno, Paulo identifica líderes religiosos que, em vida, transgrediram os ideais de pureza e humildade promovidos pelo movimento monástico. Esses líderes, embora tivessem a responsabilidade de guiar suas comunidades espiritualmente, sucumbiram à ganância, à hipocrisia e à soberba. Eles são mostrados sendo atormentados de maneira especialmente severa: “Aqui estão os que profanaram o altar com suas mentiras e ambições. Para eles, não há misericórdia, pois desviaram o rebanho do caminho da verdade”¹⁶. Submersos em rios de fogo, arrastados por anjos impiedosos e expostos a vermes devoradores, eles representam a corrupção moral. A visão enfatiza a gravidade de suas ações, pois não apenas traíram a fé que professavam, mas também comprometeram os princípios de castidade, caridade e devoção pregados pelos monges. O texto utiliza essas figuras como uma advertência contra a corrupção espiritual, destacando a responsabilidade daqueles que ocupam posições de liderança religiosa.

Paulo também narra as cerimônias celestiais, onde Davi lidera louvores com sua cítara, e anjos respondem em uníssono: “Aleluia”. Essa cena ilustra a harmonia e glória divinas, reservadas para os que vivem segundo os preceitos de Deus. No entanto, o contraste com as visões infernais sublinha a urgência de seguir o caminho da virtude.

A narrativa conclui com uma visão do abismo infernal, representado como um espaço de trevas infinitas e sofrimento incessante. Paulo descreve as almas caindo continuamente, incapazes de encontrar descanso. Essa imagem final reforça o contraste entre o paraíso e o inferno, destacando o destino reservado a justos e ímpios.

O Apocalipse de Paulo não apenas apresenta um retrato vívido do destino das almas, mas também reforça a centralidade da pureza, da penitência e da justiça divina como fundamentos da salvação. Conforme destacado no texto, “os grandes heróis são os que renunciaram ao mundo por Deus”¹⁷, representando o ideal monástico de uma vida dedicada à virtude e à fé. Essas visões não apenas consolidam um imaginário escatológico robusto, mas também

¹⁶ MIRANDA, Valtair. **Apocalipse de Paulo**. p. 7.

¹⁷ MIRANDA, Valtair. **Apocalipse de Paulo**. p. 57.

reiteram os valores éticos essenciais do cristianismo primitivo, conectando-os diretamente aos ideais monásticos que moldaram a espiritualidade da época.

2. O CONTEXTO HISTÓRICO DO APOCALIPSE DE PAULO

Ao se referir ao contexto de produção do Apocalipse de Paulo, Miranda argumenta que:

não há alusões a outras controvérsias cristãs típicas do período posterior ao imperador Constantino (272-337), como, por exemplo, a polêmica ariana que culminou na convocação do Concílio de Niceia, em 325, ou o donatismo posterior ao Edito de Milão, de 313.¹⁸

As narrativas concentram-se, sobretudo, em questões de ordem moral, abordando pecados como adultério, aborto e falhas na castidade, além de comportamentos que transgridem um modelo de cristianismo idealizado, como o monge que abandona o jejum ou o cristão que profere palavras inadequadas após a eucaristia. Essa ênfase na moralidade individual reflete um período de intensas transformações para o cristianismo, anterior à consolidação de grandes debates teológicos ou à centralização doutrinária promovida nos séculos subsequentes. Por isso, o recorte de nosso estudo está situado entre 250 e 350 d.C., um período que não apenas contextualiza a produção do Apocalipse de Paulo, mas também apresenta uma visão das tensões eclesiais e espirituais vividas pela Igreja em uma época de crescimento, perseguição e gradual aproximação do poder imperial.

2.1 A ORGANIZAÇÃO DA IGREJA

Segundo registros históricos, as igrejas, ao final do século III, apresentavam uma hierarquia bem definida, estruturada em três principais funções: bispos, presbíteros e diáconos. Estudos sobre o cristianismo primitivo indicam que, em algumas comunidades, incluindo Roma, era comum a presença de vários indivíduos exercendo simultaneamente o título de bispo. Isso reflete um modelo colegiado de liderança eclesial, característico do período.

De acordo com González, a centralização da autoridade eclesial nesses três níveis foi uma resposta às pressões teológicas e organizacionais que as igrejas enfrentavam à época. Ele destaca:

[...] a ênfase na autoridade dos bispos na sucessão apostólica surgiu durante o século II, como um modo de responder ao desafio das heresias.

¹⁸ MIRANDA, Valtair. **Apocalipse de Paulo**. p. 51.

Enquanto a maior parte dos cristãos vinha de um contexto judaico, o perigo das heresias foi menor. Mas, à medida que aumentava o número dos gentios entre os cristãos, aumentava também a multiplicidade de doutrinas, e se fazia necessária a centralização da autoridade.¹⁹

Para reforçar o que foi acima demonstrado, a declaração de Cipriano de Cartago, por volta de 250, sintetiza muito bem o pensamento da época: “o fundamento da igreja é a unidade dos bispos”.²⁰ Os dons das igrejas eram considerados prerrogativas oficiais do corpo clerical, que assumia não apenas a liderança dos cultos, mas também a responsabilidade pelo funcionamento litúrgico e pela administração das principais sedes episcopais do Império Romano.

À medida que o número de cristãos aumentava, surgiam novas congregações urbanas, demandando mais candidatos ao corpo clerical. Presbíteros eram ordenados e nomeados diretamente pelos bispos, enquanto os diáconos, subordinados a esses últimos, desempenhavam funções auxiliares. Em cada cidade, havia um líder episcopal reconhecido ou um bispo veterano que centralizava a autoridade. No que diz respeito aos candidatos ao clero, tanto os bispos quanto os presbíteros eram posições exclusivamente masculinas. Entretanto, no caso dos diáconos, havia espaço para a participação de homens e mulheres.

Pode-se afirmar que, no século III, as igrejas já haviam se expandido significativamente, abrangendo uma vasta extensão geográfica, com presença consolidada nos territórios dos dois grandes impérios da época, o Romano e o Persa. Apesar das diferenças culturais desses contextos, os cristãos compartilhavam a mesma devoção a Deus, embora expressassem sua fé em diferentes idiomas. As orações eram proferidas em siríaco, latim, egípcio e outras línguas, e a confissão de Jesus Cristo era feita por meio de variadas formas de expressão, adaptadas às especificidades culturais de cada região.²¹ Segundo, Dale e Scott:

A grande igreja do século III não pode ser descrita como uma entidade monolítica. Institucionalmente era uma rede de igrejas locais unidas mediante vazias zonas culturais por linhas de comunicação e relações pessoais. [...] nenhuma estrutura vigorava para impor aos cristãos uma

¹⁹ GONZÁLEZ, Justo L. **História Ilustrada do Cristianismo**: Era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. 2º. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 22 v. 1.

²⁰ WALKER, Williston. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1967. v. 1º. p. 122.

²¹ IRVIN, Dale T.; SUNQUIST, Scott W. **História do Movimento Cristão Mundial**: Volume I: do cristianismo primitivo a 1453. São Paulo: Paulus, 2004. p. 193.

doutrina ou liturgia uniforme, a não ser as estruturas do amor e da amizade mútuos. Nenhum credo guiava os convertidos que abraçavam a fé em Edessa, Alexandria e Roma. As igrejas sequer tinham uma lista unificada de livros canônicos, embora surgisse um consenso geral de que os evangelhos e as cartas deviam ser incluídos ao lado das Escrituras de Israel.²²

Desse modo, é possível concluir que pertencer a uma comunidade cristã no século III significava integrar uma religião ainda em processo de consolidação. Nesse período, o cristianismo era considerado uma religião ilícita pelo Império Romano, o que submetia seus seguidores a frequentes perseguições, como será abordado posteriormente.

O crescimento do cristianismo nas cidades foi impulsionado pelos esforços das comunidades urbanas, que desempenharam um papel central na organização e disseminação da fé. Essas comunidades deram origem a pequenas comunidades em vilas e povoados, geralmente estruturadas sob a liderança de um único bispo, o que contribuiu para a formação de uma rede eclesiástica em expansão, mesmo diante das adversidades.

2.2 O CRISTIANISMO NO EGITO

Dado que o Apocalipse de Paulo encontra suas origens no Egito, é pertinente explorar o contexto do cristianismo nessa região durante o final do século III e o início do IV. Nesse período, Alexandria destacava-se como um dos principais centros intelectuais do mundo mediterrâneo e um importante polo do helenismo cristão. Fundada por Alexandre, o Grande (356–323 a.C.), em torno de 331 a.C., após a conquista do Egito, a cidade tornou-se um núcleo de integração cultural e religiosa, exercendo influência significativa sobre o pensamento cristão da época.

Para lá foram algumas das mentes ilustres do mundo antigo, e de lá emanavam influências intelectuais por todo lado. A cidade, que conforme alguns, tinha uma população de 300 mil pessoas, orgulhava-se de possuir uma das mais ricas bibliotecas que o mundo jamais conheceu.²³

Alexandria consolidou-se como um importante polo da cultura cristã durante o período, evidenciado pela presença de mais de 100 dioceses episcopais na região ao longo do século III. Esse dado é corroborado pelo Sínodo de Ale-

²² IRVIN, Dale T.; SUNQUIST, Scott W. *História do Movimento Cristão Mundial*. 2004. p. 193.

²³ IRVIN, Dale T.; SUNQUIST, Scott W. *História do Movimento Cristão Mundial*: Volume I: do cristianismo primitivo a 1453., p. 121.

xandria, realizado em 318, que destacou a relevância da cidade como centro de organização e influência cristã no mundo mediterrâneo.²⁴ Antes da chegada do cristianismo, Alexandria foi um importante centro de culto às religiões de mistério, caracterizando-se pela integração de elementos culturais e religiosos de origem grega, judaica e persa. Esse ambiente sincrético favoreceu a recepção da mensagem cristã, que chegou à região de forma expressiva entre os séculos I e II, conquistando um espaço significativo no território.

Alexandria foi o berço de alguns dos mais influentes mestres gnósticos, cuja influência se estendeu para além do Egito, alcançando o mundo mediterrâneo e persa. Esse movimento continuou a evidenciar uma forte ascendência egípcio-cristã, mesmo enquanto enfrentava crescente oposição dos defensores da ortodoxia cristã.²⁵ Os gnósticos, apesar de sempre se identificarem como cristãos, posicionavam-se fora, ou mesmo acima, da ala católica. Essa postura deu origem a prolongadas disputas entre os gnósticos e líderes das igrejas cristãs, como Irineu de Lyon (130–202 d.C.), que se dedicou intensamente ao combate do gnosticismo. É importante destacar que figuras como Irineu e Tertuliano desempenharam um papel crucial na consolidação do que veio a ser conhecido como a identidade ortodoxa cristã. Esses autores estabeleceram distinções claras entre as doutrinas que consideravam ortodoxas e aquelas que definiam como heréticas, entre as quais estavam os pressupostos defendidos pelos gnósticos.

No entanto, ao longo do século III, o número de adeptos do movimento gnóstico começou a diminuir. Essa redução pode ser atribuída, em grande parte, aos constantes e incisivos ataques da oposição católica, que ganhava força. Simultaneamente, o cristianismo católico continuava a atrair cada vez mais fiéis em Alexandria, consolidando a cidade como um importante centro de aprendizado cristão.

Alexandria destacava-se também por sua diversidade linguística. O grego, em seus variados dialetos, predominava, mas o egípcio era amplamente falado pelas comunidades nativas, enquanto entre os judeus prevaleciam o hebraico e o aramaico. Essa multiplicidade cultural e linguística contribuiu para o

²⁴ BIHLMEYER, Karl e TUECHLE, Herman. **História da Igreja**. Vol. I Antiguidade Cristã. São Paulo: Edições Paulinas. p.74.

²⁵ IRVIN, Dale T.; SUNQUIST, Scott W. **História do Movimento Cristão Mundial**. p. 123.

papel de Alexandria como um polo central na formação e disseminação do cristianismo primitivo.²⁶

A propagação do cristianismo no Egito requer uma análise cuidadosa. Um aspecto de destaque nesse processo foi a adoção da língua copta, que desempenhou um papel fundamental na expansão das comunidades cristãs na região, ao mesmo tempo em que relegou as religiões romanas, particularmente o culto ao imperador, a um papel secundário. Embora o conhecimento atual sobre a disseminação do cristianismo em terras egípcias ainda seja limitado, é inegável que o cristianismo copta exerceu um papel histórico ativo, fomentou diversos embates e influenciou significativamente as culturas vizinhas.

Conforme aponta a historiadora Angela:

A aparição e difusão do Cristianismo, no Egito, merecem ser analisada de forma cuidadosa. Importa assinalar, sobretudo, que a adoção da língua copta pelo cristianismo foi essencial na proliferação das comunidades cristãs na região, ao mesmo tempo em que relegou a segundo plano as religiões romanas, principalmente àquela fundamentada no culto ao imperador. Na verdade, pouco ainda é conhecido por nós sobre a propagação do cristianismo em terras egípcias, mas com certeza o cristianismo copta desempenhou um papel histórico ativo, gerou inúmeros embates e exerceu notável influência sobre seus vizinhos.²⁷

Esse panorama destaca não apenas a resistência e adaptação do cristianismo copta em um contexto adverso, mas também sua contribuição singular para o desenvolvimento de práticas religiosas novas, como o *monasticismo*.

2.3 O MOVIMENTO MONÁSTICO E O IDEAL DE PUREZA

Nem todos os cristãos reagiram de forma homogênea às mudanças provocadas pela união entre a Igreja Cristã e o Estado Romano. O fato de o imperador se declarar cristão e de a cruz começar a ser vista como símbolo de poder foi interpretado por alguns cristãos como um sinal de corrupção espiritual. Eles acreditavam que a aparente paz promovida pelo imperador Constantino era, na verdade, uma artimanha do maligno. As igrejas estariam se unindo aos poderes mundanos, pelo luxo e pela ostentação que passavam a dominar os altares cristãos.

²⁶ FIGUEIREDO, Angela C. **O cristianismo Copta**: Uma face particular do multiculturalismo cristão. Núcleo de Estudos da Antiguidade: Fórum de Debates em História Antiga, UERJ - Rio de Janeiro, ed. IX, 210. p. 3.

²⁷ FIGUEIREDO, Angela C. **O Cristianismo Copta**, p. 4.

Em resposta, muitos cristãos optaram por renunciar à vida social, retirando-se para a solidão dos desertos em busca de sua própria salvação. Essa fuga era motivada pela rejeição às tentações e paixões que julgavam inerentes ao mundo decadente. Gradualmente, essa prática tornou-se um refúgio para os que se opunham aos eventos de sua época, funcionando como uma forma de crítica à transformação da Igreja. Embora inicialmente praticada de forma isolada, a vida no deserto também passou a ocorrer em pequenas comunidades, que buscavam apoio mútuo.

A inspiração para essas experiências de solidão e vida comunitária pode ser encontrada em práticas religiosas pré-existentes, tanto no Egito pagão quanto entre alguns grupos judaicos da região. Essas práticas, contudo, se consolidaram como o alicerce de um novo movimento, conhecido como monasticismo. Esse movimento tem suas origens no século IV, nos desertos do Egito, onde “o clima quente e seco e a variedade de cavernas nas colinas ao longo dos aterros do Nilo eram ótimos para o isolamento do indivíduo da sociedade”.²⁸

Com o passar do tempo, um número crescente de cristãos passou a abandonar a vida mundana em busca de uma existência dedicada à contemplação e à espiritualidade. Ao final do século VI, o monasticismo já havia se enraizado profundamente tanto na Igreja Ocidental quanto na Oriental, assumindo diferentes formas e abordagens.²⁹

É possível identificar diversas etapas e figuras importantes na história do movimento monástico. Entre elas, destaca-se Paulo de Tebas (234–347), reconhecido como um eremita que reuniu um grupo de *anacoretas*. Outro nome é o de Antão (251–356), considerado o “patriarca” do monasticismo, por sua fundação de comunidades orientadas pelo prestígio de um líder espiritual. Por fim, Pacômio (276–349) é tido como o precursor do *cenobitismo*.

*Anacorese*³⁰ é o termo que define o movimento dos primeiros monges e mongas, significando uma “retirada” ou “fuga” do mundo cotidiano. A própria palavra “monge” deriva do grego *monachós*, que significa “solitário”. No entanto, não é possível determinar com precisão quem foi o primeiro monge ou monja do deserto, devido à divergência entre os registros históricos. Dois nomes principais são frequentemente mencionados: Paulo de Tebas e

²⁸ CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos**: Uma história da Igreja Cristã. 2ª. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 1995.p.123.

²⁹ CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos**. p. 122.

³⁰ O termo grego anachóresis, é um termo que, anteriormente, expressava uma ação antissocial, mas que somente mais tarde ganhou um significado religioso.

Antão. Essa divergência resulta, em parte, das biografias escritas por dois importantes autores cristãos da Antiguidade, Jerônimo e Atanásio. Ambos retrataram os respectivos personagens como fundadores do monasticismo grego, especificamente no formato anacoreta. Ainda que o monasticismo possa ser entendido como um movimento em massa, o estudo das vidas de Paulo e Antão é indispensável, uma vez que ambos foram expoentes fundamentais dessa tradição. Convém notar que o título de “santo” atribuído a eles ocorreu em períodos posteriores, fruto de sua canonização, razão pela qual este texto emprega apenas seus nomes.

Apesar da vida de isolamento de Paulo e Antão, eles não foram os únicos a adotar esse estilo de vida. Relatos de viajantes da época sugerem que, em determinados momentos, havia mais pessoas nos desertos do que em algumas cidades. González observa, talvez com algum exagero, que “citam números, como 20 mil monjas e 10 mil monges somente em uma região do Egito”.³¹

O crescente número de pessoas que se retiravam para o deserto refletia, em grande parte, o desejo de viver sob a orientação de um mestre espiritual, como Antão, que frequentemente precisava fugir de multidões que buscavam sua ajuda e direção. Essa movimentação resultou em uma nova abordagem para a vida monástica, que passou a combinar elementos de isolamento e convivência comunitária. Esse modelo é conhecido como monasticismo *cenobítico*, derivado de dois termos gregos que significam vida comum.³²

Embora a vida completamente isolada dos anacoretas fosse ideal para alguns, não era viável para todos. Nesse contexto, sob a liderança de Pacômio, surgiu o cenobitismo egípcio como uma alternativa comunitária. Pacômio nasceu por volta de 286³³, em uma pequena aldeia no sul do Egito. Forçado a deixar seu povoado devido ao serviço militar obrigatório, teve seu primeiro contato com o cristianismo por meio de um grupo de cristãos que o acolheu e consolou. Profundamente tocado, Pacômio fez um voto de que, um dia, dedicaria sua vida ao serviço dos outros.

Fiel ao seu propósito, retirou-se para o deserto, onde passou por intensas transformações espirituais. Em certo momento, teve uma visão em que um anjo lhe revelou que Deus desejava que ele servisse à humanidade. Com a ajuda de seu irmão, Pacômio construiu um mosteiro capaz de abrigar um número sig-

³¹ GONZÁLEZ, Justo L. **História Ilustrada do Cristianismo**. p.151.

³² GONZÁLEZ, Justo L. **História Ilustrada do Cristianismo**. p. 153.

³³ Idem.

nificativo de pessoas interessadas na vida monástica. As regras para ingressar eram rigorosas, assim como a disciplina exigida, similar à vida dos anacoretas.

Sobre essas bases, “Pacômio chegou a estabelecer novos mosteiros, durante sua vida, cada um deles com centenas de monges. Além disso, a irmã de Pacômio, Maria, fundou várias comunidades de monjas”³⁴. A vida comunitária era dedicada ao trabalho, para a manutenção do mosteiro, e à devoção.

Cada um desses mosteiros era rodeado com muros que só tinha uma entrada, abrangendo diversos edifícios. Alguns deles, como a igreja, o armazém, o refeitório e a sala de reuniões, era de uso comum de todo o mosteiro. [...] orações em conjunto eram celebradas duas vezes ao dia. Pela manhã todos os monges dos mosteiros se reuniam para orar, cantar salmos e escutar a leitura das Escrituras. À noite, faziam o mesmo, reunidos em grupos menores, nas salas das diversas casas.³⁵

Cabe destacar que, ao contrário dos anacoretas, as comunidades monásticas cenobíticas não viviam em completa pobreza. O trabalho realizado pelos monges gerava produtos que eram vendidos nos mercados das proximidades, garantindo o sustento dos mosteiros e permitindo a realização de doações a outros necessitados.

O ingresso em uma dessas comunidades cenobíticas seguia um processo rigoroso. Os candidatos eram obrigados a permanecer diante das portas dos mosteiros por vários dias, em constante súplica para que lhes fosse concedida a entrada. Essa prática simbolizava tanto o comprometimento quanto a humildade exigidos para integrar a vida comunitária.

Os mosteiros cenobíticos atraíam devotos de várias partes do mundo, incluindo cristãos e não cristãos. Muitos viajavam ao Egito em busca da espiritualidade e do conhecimento transmitidos nesses locais. Enquanto alguns optavam por permanecer nas comunidades, outros retornavam às suas terras³⁶ de origem levando consigo os ensinamentos e práticas aprendidos nos desertos egípcios, contribuindo para a disseminação do modelo monástico cenobítico em outras regiões.

³⁴ GONZÁLEZ, Justo L. **História Ilustrada do Cristianismo**. p. 154.

³⁵ Idem.

³⁶ GONZÁLEZ, Justo L. **História Ilustrada do Cristianismo**. p. 152.

2.4 O ANSEIO PELO FIM DOS TEMPOS

Desde suas origens, o cristianismo apresentou-se como uma mensagem de salvação, acompanhada pela proclamação do fim iminente do mundo, conforme pregado por Jesus e propagado pelos Apóstolos. Tal anúncio causava profunda repercussão nas mentes dos primeiros cristãos, que viviam em constante expectativa desse desfecho apocalíptico. Embora o momento exato do fim fosse desconhecido, sem data, hora ou forma claramente definida, a espera por esse evento era marcada por uma inquietação espiritual, frequentemente permeada por angústia e devoção intensa.

Nesse contexto, não surpreende que muitos cristãos abandonassem os laços e bens mundanos, buscando refúgio nos desertos como forma de se dedicarem integralmente a uma vida de santidade. Essa retirada refletia a crença em uma proximidade com Deus que os prepararia para a volta iminente de Jesus e para o cumprimento das promessas escatológicas anunciadas.

Esse clima escatológico e exaltado não deixará de se ampliar nos séculos seguintes e com toda certeza está na origem de muitos comportamentos irracionais e excessivos, como na vocação para o martírio, a obsessão da virgindade e da ascese, a fuga para os desertos. Todos esses comportamentos têm entre si o traço essencial de serem antes de tudo uma recusa radical do mundo, recusa que se compreende facilmente uma vez que este mundo está destinado a desaparecer de um dia para o outro. [...] todas essas atitudes se prendem a uma mesma e total desafeição para com o mundo aqui de baixo, consequência das conturbações, dos traumatismos operados nos espíritos pelo menos, pela angustia, pela exaltação do Fim dos Tempos.³⁷

Com base em Jacques Lacarrière, é possível compreender as razões pelas quais surgiram tantas teorias sobre o fim dos tempos e, inevitavelmente, sobre o que se encontraria após a morte. A iminência do Juízo Final, anunciada pela mensagem cristã, levou muitos a buscarem sinais precursores da vinda de Jesus nas passagens bíblicas. Um exemplo notável é o texto de Mateus 24:19, que alerta: “Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias!”.

Muitas mulheres jovens optaram por permanecer virgens, enquanto diversos casais adotaram os chamados casamentos virginais ou *apotáticos*³⁸ – relacionamentos em que viviam juntos, mas renunciavam às relações sexuais – como

³⁷ JACQUES, Lacarrière. **Padres do Deserto**. p. 25.

³⁸ Idem.

forma de preservar a pureza e garantir sua preparação espiritual para o Juízo Final e não serem acusados impuros. Para reforçar a relação entre o zelo pela virgindade e o temor pelo fim do mundo, Jacques Lacarrière cita um texto revelador de Santo Hipólito, bispo de Roma, extraído de seu Comentário sobre Daniel, escrito no início do século III. O manuscrito apresenta como as expectativas apocalípticas moldavam comportamentos e decisões entre os cristãos da época:

Um bispo, homem piedoso e modesto, mas que tinha excessiva confiança em suas visões, tivera três sonhos e se pôs a profetizar: “Sabei, meus irmãos, que o Juízo Final ocorrerá em um ano. Se o que vos digo não acontecer, não creias mais nas Escrituras e agi como vos aprouver”. Ao cabo de um ano, nada aconteceu, ele ficou confuso, os irmãos escandalizados, as virgens se casaram e os que tinham vendido todos os seus bens foram reduzidos à mendicância.³⁹

O trecho acima ilustra o surgimento de inúmeras profecias acerca do fim do mundo, evidenciando como mensagens apocalípticas começaram a ganhar força em resposta aos anseios daqueles que aguardavam a volta de Jesus. No século III, multidões inteiras, movidas pela fé nessas mensagens proféticas, partiram para os desertos em busca de Cristo. Como relata Hipólito: “um bispo da Síria persuadiu muitos de seus irmãos a se dirigirem ao deserto, ao encontro de Cristo, com suas mulheres e filhos”.⁴⁰

Essas profecias levaram muitos cristãos a vagar pelos desertos, à espera da aparição de Jesus. Esse clima escatológico e ascético marcou profundamente os primeiros quatro séculos do cristianismo, precedendo a migração de fiéis para os desertos do Egito, da Síria e de todo o Oriente Médio. A crença na iminência do fim do mundo e a expectativa da volta de Cristo consolidaram a vida ascética como um meio de salvação espiritual e uma preparação para o Juízo Final.

3. REPRESENTAÇÕES DO ASCETISMO MONÁSTICO NO APOCALIPSE DE PAULO

Nesta seção, serão analisados os traços do ascetismo monástico presentes nas narrativas do Apocalipse de Paulo, com o objetivo de demonstrar que o autor do texto, muito provavelmente, estava inserido no ambiente monástico egípcio. Nesse contexto, é possível inferir que, ao vivenciar tal ambiente, o

³⁹ JACQUES, Lacarrière. **Padres do Deserto**. p. 26.

⁴⁰ Idem.

autor inevitavelmente reproduziu em seu texto os ideais, as inquietações e as práticas características da vida monástica.

Analisaremos, também, como o autor do texto apresenta uma visão singular do cristianismo de seu tempo - ou, ao menos, um olhar distinto sobre seu contexto religioso -, ao ponto de inaugurar certos temas no cristianismo da Antiguidade. Essa perspectiva aponta para um modelo de vida espiritual que, segundo o autor, deveria ser adotado por todos os cristãos que almejam alcançar o céu. Além disso, o texto denuncia uma série de práticas pecaminosas que, de acordo com sua narrativa, resultam na condenação ao inferno

O Apocalipse de Paulo desenvolve uma escatologia voltada ao destino individual do ser humano, descrevendo o julgamento das almas no contexto do fim dos tempos e do juízo final. Para alcançar esse objetivo, o autor organiza uma sequência de visões que retratam uma jornada pelas regiões celestiais e infernais. Ao longo dessa jornada escatológica, o personagem principal, Paulo, encontra outros personagens, em certos momentos, grupos de pessoas, que estão em situação de julgamento. Seus pecados e boas obras são detalhados para indicar o destino de suas almas após a morte, seja no céu ou no inferno. O texto também descreve as penas correspondentes às almas condenadas.

Para relacionar as representações do ascetismo monástico com o Apocalipse de Paulo, será apresentado um quadro que lista episódios extraídos do texto. Nesse quadro, serão descritos os personagens, suas obras e suas respectivas penas. Em seguida, cada episódio será relacionado a elementos da vida monástica, evidenciando como o autor do Apocalipse de Paulo não apenas escreve no contexto monástico, mas também dialoga diretamente com os ideais desse público específico - os monges. Acompanhe o quadro a seguir.

Episódio	Personagem	Obras	Recompensas
1	Homens Soberbos	Abstiveram-se em jejuns dia e noite, mas sucumbiram ao orgulho, glorificando-se a si mesmos e negligenciando o próximo. (parágrafo 24)	Deixados na porta da Cidade de Cristo, sem permissão para entrar.

2	Presbítero	Conduziu a Eucaristia de forma imprópria, após comer, beber e fornicar. (parágrafo 34).	Golpeado com ferros de três pinos nas mãos por anjos do Tártaro.
3	Bispo	Não cumpriu bem seu episcopado, sendo injusto em seus julgamentos e negligente com viúvas e órfãos. (parágrafo 35)	Apedrejado e lacerado por pedras; mergulhado no lago de fogo até os joelhos por anjos malignos.
4	Diácono	Consumia ofertas da igreja, fornicação, e deixou de fazer o bem diante de Deus. (parágrafo 36)	Mergulhado até os joelhos no lago de fogo, com vermes e sanguessugas saindo pela boca e nariz.
5	Leitor	Lia as Escrituras, mas não seguia os preceitos de Deus. (parágrafo 36)	Mergulhado até os joelhos no lago de fogo, com a língua e os lábios cortados com navalhas de fogo por anjos.
6	Mulheres Virgens	Mancharam deliberadamente sua virgindade e esconderam isso de seus pais. (parágrafo 39)	Vestidas de negro, amarradas com correntes de fogo e mergulhadas nas trevas.
7	Cristãos que Jejuavam	Interromperam o jejum antes do tempo, desrespeitando a disciplina ascética. (parágrafo 39)	Pendurados sobre águas sem poder beber e diante de frutos sem poder comê-los.
8	Homens e mulheres	Vestiam roupas consagradas, mas falharam em mostrar amor cristão ou misericórdia, negligenciando viúvas, órfãos e peregrinos. (parágrafo 40)	Vestidos de trapos de piche e enxofre, com serpentes enroladas no pescoço; chicoteados e sufocados por anjos com chifres de fogo.

9	Vaidosos	Permitiram que vaidades e ambições mundanas os afastassem de penitências e orações. (parágrafo 43)	Sofreram frio constante, gemendo e rangendo os dentes.
10	Casais Virginais	Renunciaram às relações sexuais por devoção a Deus, preservando a pureza do matrimônio.	Recompensados com acesso ao Paraíso, recebendo vestes brancas e sendo saudados por anjos.
11	Homens Castos	Viveram em oração e castidade, renunciando ao mundo material.	Habitam em jardins celestiais, onde contemplam a face de Deus, com vestes brilhantes.
12	Homossexuais	Praticaram relações consideradas contrárias aos mandamentos divinos. (parágrafo 39)	Condenados a um buraco de enxofre e trevas, inundado por um rio de fogo.
13	Obreiros Corruptos	Construíram igrejas, mas desviaram as ofertas e enganaram o povo.	Condenados ao rio de fogo, atormentados por demônios.
14	Aqueles que Negaram Misericórdia	Negligenciaram atos de caridade e compaixão, especialmente para com viúvas, órfãos e pobres.	Proibidos de entrar no Paraíso e atormentados por visões de suas falhas.
15	Orantes e Vigilantes	Permaneceram em oração contínua, em espírito de vigília e humildade.	Honrados no Paraíso, sentados em tronos de glória, em comunhão com Deus.

Após selecionarmos e analisarmos os episódios do Apocalipse de Paulo que evidenciam práticas e valores ascéticos, propomos agora relacioná-los ao ambiente monástico, utilizando argumentos previamente desenvolvidos neste artigo. Ao longo do texto, já foi demonstrado como o movimento monástico valorizava disciplinas espirituais como jejum, castidade, penitência e caridade, práticas essas que aparecem de forma recorrente nas visões e narrativas do

Apocalipse de Paulo. Essas representações apontam para um influência do ambiente monástico sobre o autor.

Com base nessa análise, a seguir evidenciamos como os episódios selecionados refletem as representações ascéticas do movimento monástico egípcio, bem como a preocupação do autor com o desvio de seus ideais.

<p>O jejum e a soberba (Episódio 1)</p>	<p>O texto menciona homens que se dedicaram aos jejuns dia e noite, mas que sucumbiram à soberba, alegrando-se com sua virtude e negligenciando o próximo. O jejum e a hospitalidade, práticas associadas ao monasticismo, aparecem aqui como símbolos de disciplina espiritual. Contudo, o autor adverte contra a soberba, um pecado grave no ideal monástico. Interessante notar que esses homens não são enviados ao inferno, mas deixados às portas da cidade celestial, indicando uma possibilidade de misericórdia divina.</p>
<p>Líderes religiosos corruptos (Episódios 2, 3, 4 e 5)</p>	<p>Bispos, presbíteros, diáconos e leitores são citados como pecadores, com punições severas. Esses líderes foram negligentes ou corruptos. Essa crítica pode refletir o descontentamento de alguns cristãos com as mudanças trazidas pela união da Igreja com o Estado Romano. Assim como os monges se retiraram ao deserto em protesto contra o luxo e a corrupção, o autor do Apocalipse de Paulo parece compartilhar desse sentimento, alinhando-se com valores monásticos que prezam pela pureza e simplicidade no serviço religioso.</p>
<p>A virgindade feminina (Episódio 6)</p>	<p>Mulheres que perderam deliberadamente sua virgindade e esconderam de seus pais são condenadas. Esse episódio reflete a importância atribuída à virgindade, especialmente no contexto escatológico. Como vimos, o movimento monástico, influenciado por passagens como Mateus 24:19, promoveu uma obsessão pela pureza sexual, com muitas pessoas optando pelo celibato para se prepararem para a volta iminente de Cristo. O autor do Apocalipse de Paulo compartilha dessa concepção, associando a virgindade feminina à pureza espiritual e condenando sua perda como pecado.</p>

<p>O jejum interrompido (Episódio 7)</p>	<p>Cristãos que interromperam o jejum antes do tempo são condenados. Essa prática monástica fundamental, que visa o controle dos desejos e a aproximação espiritual com Deus, é elevada pelo autor a ponto de considerar sua quebra um pecado gravíssimo, digno de punição no inferno. Esse episódio reforça o valor do jejum na espiritualidade cristã, especialmente no ambiente monástico.</p>
<p>A negligência aos necessitados (Episódio 8)</p>	<p>O texto menciona homens e mulheres que aparentavam consagração a Deus, mas não demonstravam misericórdia com viúvas, órfãos e peregrinos. O autor dedica mais espaço a esse episódio, destacando a gravidade do pecado e teatralizando a culpa dos condenados. Essa crítica dialoga com a função dos mosteiros como refúgios para viajantes e necessitados, onde a caridade era uma prática essencial. A vestimenta de consagração, usada de forma hipócrita, simboliza a desconexão entre aparência e verdadeira devoção.</p>
<p>Vaidade e falta de penitência (Episódio 9)</p>	<p>Aqueles que abraçaram as vaidades do mundo e não se dedicaram à penitência e à oração são condenados a tormentos. Esse episódio reflete os valores monásticos, nos quais a penitência e a renúncia ao mundo são centrais para a vida espiritual. O autor do Apocalipse de Paulo parece exaltar essas práticas como fundamentais para alcançar a salvação.</p>
<p>Homossexualidade (Episódio 10)</p>	<p>Homens e mulheres acusados de homossexualidade são condenados ao buraco de enxofre e fogo. Esse episódio pode ser interpretado no contexto monástico, onde a ausência de relações heterossexuais e o isolamento poderiam levar à tentação sexual dentro das próprias comunidades. A menção explícita desse pecado pode ter como objetivo alertar contra práticas consideradas desviantes na vida monacal.</p>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado do Apocalipse de Paulo destacou-se como um texto inserido no contexto ascético e monástico do cristianismo primitivo, particularmente entre os séculos III e V. Provavelmente direcionado a monges e líderes religiosos comprometidos com ideais de pureza espiritual e rigor disciplinar, o texto reflete uma construção dualista da existência, na qual o bem e o mal, o puro e o impuro, se contrapõem de forma evidente. Essa dicotomia permeia tanto as descrições das recompensas celestiais quanto as penas infernais, ressal-

tando a centralidade das escolhas morais como determinantes do destino eterno das almas. Pecados como o orgulho, a hipocrisia religiosa e o abandono de votos sagrados são descritos como merecedores de punições severas, reiterando a necessidade de fidelidade aos ideais ascéticos. Assim, o Apocalipse de Paulo configura-se como um alerta para sua audiência, enfatizando as consequências eternas da desobediência, enquanto apresenta uma visão das recompensas reservadas àqueles que permanecem fiéis aos ensinamentos de Cristo e às exigências ascéticas que fundamentavam a prática da fé cristã no período.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Paulo. O imaginário do além-mundo na apocalíptica e na literatura visionária medieval: itinerários de recepção. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015. p. 20.

BIHLMAYER, Karl; TUECHLE, Herman. História da Igreja. Vol. I Antiguidade Cristã. São Paulo: Edições Paulinas, 1967.

CAIRNS, Earle E. O Cristianismo Através dos Séculos: Uma história da Igreja Cristã. 2º. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 1995.

FIGUEIREDO, Angela C. O CRISTIANISMO COPTA: Uma face particular do multiculturalismo cristão. Núcleo de Estudos da Antiguidade: Fórum de Debates em História Antiga, UERJ - Rio de Janeiro, ed. IX, 210.

GONZÁLEZ, Justo L. História Ilustrada do Cristianismo: Era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. 2º. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2011.

IRVIN, Dale T.; SUNQUIST, Scott W. História do Movimento Cristão Mundial: Volume I: do cristianismo primitivo a 1453. São Paulo: Paulus, 2004.

JACQUES, Lacarrière. Padres do Deserto: Homens embriagados de Deus. São Paulo: Loyola, 1996.

KNIGHT, A.; ANGLIN, W. História do Cristianismo: dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX. 11º. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

MIRANDA, Valtair. Apocalipse de Paulo. São Paulo: Paulus, 2022.

NOUWEN, Henri. O Caminho do Coração: Espiritualidade dos Padres e Madres do Deserto. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WALKER, Williston. História da Igreja Cristã. São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1967. v. 1º. p. 122.